Qualis sit nutrix eligenda: a ama de leite no *De universa mulierum medicina* de Rodrigo de Castro

Qualis sit nutrix eligenda: the wet nurse in Rodrigo de Castro's *De universa mulierum medicina*

EMÍLIA M. ROCHA DE OLIVEIRA[1] (*Centro de Línguas, Literaturas e Culturas (CLLC-UA), Universidade de Aveiro — Portugal)*

Abstract: Even though some doubts have been cast on the practice of breastfeeding up to the end of the 19th century, the debate on its physiological, moral and social implications has spanned over Antiquity, the Middle Ages and the Renaissance, and has turned into a recurrent topic in treatises dealing with the nature, conditions and diseases of women. In this article, we analyze the influence of both ancient authors and authors who were coeval with Rodrigo de Castro (c. 1546-1627/29?) on his treatise entitled *De universa mulierum medicina*, so as to identify the longstanding elements incorporated by the Portuguese doctor in his work.

Keywords: Rodrigo de Castro; breastfeeding; wet nurse; *nutrix*.

1. Introdução

A amamentação tem despertado ao longo dos séculos o interesse e a preocupação de variadíssimos autores. A discussão das suas implicações fisiológicas, morais e sociais atravessou a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento. A ideia generalizada, ainda hoje defendida, de que o melhor alimento para a criança recém-nascida é o leite da mãe[2] há muito que vem sendo discu-

Texto recebido em 30.09.2019 e aceite para publicação em 03.01.2020. Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto «*Gynecia:* Rodrigo de Castro Lusitano e a tradição médica antiga sobre ginecologia e embriologia (PTDC/FER-HFC/31187/2017)».

[1] emilia.oliveira@ua.pt.

[2] De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) o leite materno fornece os nutrientes necessários ao crescimento e desenvolvimento saudável das crianças. O colostro é recomendado como o alimento ideal para os recém-nascidos e a amamentação deve ser iniciada durante a primeira hora após o nascimento. A OMS recomenda, ainda, o aleitamento materno exclusivo até aos 6 meses de idade. Só depois deverão ser introduzidos alimentos complementares. É desejável que a amamentação se mantenha, pelo menos, até aos 24 meses. Cf. World Health Organization (2019). Portal da OMS. Retirado de http://www.who.int/topics/breastfeeding/en .

tida. Abraçada pela generalidade dos autores, não apenas médicos, apesar de a sua prática e a sua utilidade terem sido postas em causa, pelo menos, até ao final do século XIX, converteu-se num tópico recorrentemente abordado nos tratados sobre a natureza, as condições e as doenças das mulheres.

Rodrigo de Castro (c. 1546-1627/29?), médico português de origem hebraica, não foi alheio a esta circunstância, tendo dedicado os capítulos 12 e 13 do livro quarto da primeira parte do seu *De uniuersa mulierum medicina*[3] à discussão teórica das vantagens do aleitamento materno e dos critérios em que deveria basear-se a escolha de uma ama de leite[4], caso a própria mãe não pudesse amamentar. As explicações e argumentos aduzidos pelo autor — bebidos de autores antigos e seus contemporâneos — procuram dar resposta às interrogações que se punham à sociedade e aos médicos do seu tempo.

Ao longo deste trabalho, percorreremos os capítulos acima referidos, analisando a influência de textos médicos antigos, medievais e renascentistas alusivos à mesma temática, a fim de identificarmos e refletirmos sobre os elementos de tão longa tradição incorporados pelo médico português na sua obra.

2. Argumentos em prol do aleitamento materno

A primeira metade do capítulo 12 (pp. 219-222) é consagrada à promoção da já muito propalada ideia de que o leite da mãe é o alimento mais saudável e natural para o recém-nascido. Rodrigo de Castro afirma, assim, a conveniência de a mãe amamentar o próprio filho. Contudo, à semelhança da maioria dos seus antecessores, adverte que o aleitamento deveria acontecer apenas alguns dias após o parto, já que até ao terceiro dia havia o risco de o leite ser de má qualidade, isto é, espesso, caseoso e, consequentemente, indi-

[3] Este tratado sobre a natureza e as doenças femininas, que foi dado à estampa em 1603/1604, nas cidades de Colónia/Hamburgo, conheceu várias reedições ao longo do século XVII, sob o título *De uniuersa muliebrium morborum medicina*. Para a realização deste trabalho, seguimos a segunda edição (Hamburgo, 1617), introduzindo alterações mínimas no que respeita à grafia e à pontuação.

[4] O médico abordou este tópico em termos muito semelhantes, embora com maior brevidade, na segunda parte da obra (cf. livro 4, sec. 3, cap. 23).

gesto, porquanto produzido por um corpo que havia sido sujeito a sofrimentos atrozes e alterações violentas aquando do nascimento da criança[5].

Uma vez recuperado o equilíbrio, deveria ser a mãe a assumir a tarefa de alimentar o filho. É o que aconselham as primeiras palavras do autor:

> *Edito in lucem infante, transactisque illis diebus, quibus antea diximus lac maternum rectificari, ac benignum reddi, ipsa quae peperit mater, eademque sui partus fidissima nutrix sit.*
>
> *Dada à luz a criança e passados aqueles dias durante os quais, dissemo-lo anteriormente, o leite materno melhora e se torna benéfico, a própria mãe que deu à luz*[6] *deve ser também a ama de leite mais dedicada ao seu filho*[7].

Era transversal a todos os autores, já aqui o referimos, a ideia de que o leite materno era o melhor alimento para a criança[8]. Apoiado na autoridade de Galeno, defende o iátrico luso que o leite da mãe é o alimento mais saudável, natural e apropriado para a criança acabada de nascer, pois que é da mesma natureza que o sangue que a alimentou enquanto esteve *in utero*.

[5] SORANO (2.7) criticava aqueles que, como um tal Damastes, defendiam que a mãe deveria dar o peito ao filho imediatamente a seguir ao parto, baseados no argumento de que a natureza previa a produção imediata do leite materno para que o recém-nascido tivesse acesso ao seu alimento assim que fosse dado à luz. Para o médico de Éfeso e todos aqueles que pensavam como ele, o leite produzido nos primeiros dias após o parto era considerado de má qualidade para a criança. Oribásio, *inc.* 12 (DAR. 3.120), por exemplo, era da opinião de que o *colostrum*, ou primeiro leite produzido após o parto (cf. PLIN. *Nat.* 28.123), não deveria ser oferecido à criança antes do quarto dia de vida. Sabe-se hoje, porém, que essa primeira secreção láctea a que chamamos colostro, muito rica em gorduras e anticorpos, deve ser dada às crianças assim que nasçam.

[6] A mãe biológica, diríamos hoje.

[7] O termo *nutrix*, 'ama de leite', etimologicamente relacionado com o verbo *nutrire*, 'alimentar', designava quer a mãe biológica quer a ama contratada para amamentar o filho de outra mulher. Cf. DANSEN (2010) 700.

[8] PLÍNIO (*Nat.* 28.123), por exemplo, defende que "o melhor leite" "é o leite materno". Não obstante na sociedade imperial terem sido muito poucas as mulheres que adotaram esta boa prática e, por isso, ter sido comum o recurso aos serviços de uma *nutrix*, não se punha em causa que "o leite humano é o mais nutritivo" (PLIN., ibid.). Galeno advoga a mesma ideia em *In Hippocratis librum de alimento commentarius* 4.8 (KÜHN 15.394); *De sanitate tuenda* 1.7 (KÜHN 6.35 sq.). Sobre as propriedades atribuídas por Plínio (e outros autores) ao leite materno, leia-se o estudo levado a cabo por PINHEIRO (2016).

É, por conseguinte, de natureza fisiológica o primeiro argumento aduzido a favor do aleitamento materno:

> *Est enim Galeni testimonio lac maternum iam edito infanti saluberrimum, quoniam qui eo aluntur pueri, ii non solum consueto, uerum etiam maxime proprio utuntur alimento; nam cum infantes, dum adhuc in utero sunt, sanguine matris ali supradictum sit, ex sanguine uero lac gigni exiguam in mammis adepto mutationem, constat profecto feliciorem procedere nutritionem, quae lacte matris conficitur.*
>
> *Com efeito, de acordo com o testemunho de Galeno*[9]*, o leite materno é o mais saudável para o recém-nascido, porque as crianças que com ele são alimentadas beneficiam de um alimento a que estão habituadas e que é, também, o mais apropriado. De facto, tendo sido referido anteriormente que as crianças, enquanto estão no útero, são alimentadas pelo sangue da mãe, que o leite, com verdade, é gerado a partir do sangue obtido de uma pequena transformação nas mamas*[10]*, é coisa perfeitamente assente que a alimentação que é constituída por leite materno é mais favorável.*

O segundo argumento apresentado pelo médico é de natureza afetiva. A mãe é a cuidadora mais atenta e mais sensível às necessidades do filho. O seu amor é incomparavelmente maior do que o de qualquer outra mulher contratada para a substituir. Com a intenção de corroborar esta ideia, Rodrigo de Castro evoca a morte de duas crianças por negligência das respetivas amas:

> *Praeterea quia matres longe uigilantiores sunt in liberis suis educandis, quam stipendiariae nutrices, quae lucrum potius quam foetum respiciunt, ac uix ulla reperitur, quae nutricationis omne taedium perinde, ac mater possit tolerare, sordes, uagitus, morbos, ac seruandi numquam satis diligentem curam, et ut numero dicam, quia nulla est quae pariter amet ut mater, nulla procul dubio erit, quae pariter curet. Sic uidimus hoc eodem anno duos infantes a nutricibus somno profundo stertentibus suffocatos, unum Belgae filiolum, alterum Lusitani.*
>
> *Além disso, porque as mães são, de longe, mais cuidadosas na criação dos seus filhos do que as amas de leite contratadas, que se preocupam mais com o lucro do que com o recém-nascido; e dificilmente se encontra alguma que consiga tolerar todo o incómodo provocado pela amamentação, do mesmo modo que a mãe consegue tolerar a sujidade, os queixumes e as doenças, e jamais se encontrará um cuidado suficientemente atento; e, em suma, porque não há nenhuma que ame de igual maneira que a mãe, não haverá, certamente, nenhuma que cuide do mesmo modo. Foi assim que*

[9] *De sanitate tuenda* 1.7 (KÜHN 6.36).

[10] Cf. livro 2, cap. 10; livro 4, cap. 10.

> *vimos, neste preciso ano, duas crianças serem sufocadas pelas amas, que se deixaram cair num sono profundo; os Belgas, um filho querido, os Portugueses, outro.*

As palavras de Rodrigo de Castro parecem ecoar o pensamento de Plutarco. Segundo o biógrafo grego, o laço íntimo estabelecido entre a mãe e o filho durante a gravidez leva a que as mães amamentem os rebentos "com mais ternura e diligência, porque amam os filhos no seu íntimo, como se costuma dizer, "desde as unhas"". O aleitamento por mulheres contratadas para o efeito, que cuidam e amam, segundo o mesmo, "por causa do salário", é, assim, apresentado como um procedimento artificial[11].

O terceiro argumento esgrimido por Rodrigo de Castro é o de que uma criança amamentada por outra mulher que não a mãe poderá herdar daquela não apenas as virtudes, mas também os vícios. Segundo o médico, o leite influencia fortemente a formação do carácter do recém-nascido:

> *Tertio quia permittendum non est ut alieni lactis contagio inficiatur puer (si modo bene temperata sit mater salubreque corpus nacta) nam et indoles ex lactis natura uitiatur; quocirca non temere uulgo dicitur, hunc aut illum cum lacte nutricis malitiam imbibisse, siquidem una cum lacte uel uitiosi, uel ingenui non solum addiscuntur mores sed imbibuntur, ita ut ad fingendas tam animi quam corporis dotes, non tam seminis naturam, quam lactis et alimenti ualere, existimauerint sapientes, et Galeni liber cui titulum est, Quod animi mores corporis temperaturam sequantur, apertissime personat.*
>
> *Em terceiro lugar, porque não se deve permitir que a criança seja corrompida pelo contacto com o leite de outra mulher (contanto que a mãe seja bem constituída e dotada de um corpo saudável), pois as inclinações naturais são adulteradas pela natureza do leite. Por isso é que o vulgo diz, não sem razão, que este ou aquele bebeu com o leite a má índole da ama, pois que, juntamente com o leite, não apenas se aprendem como também se bebem as qualidades, as viciosas e as nobres, a ponto de os sábios terem considerado que na formação das capacidades quer do espírito quer do corpo prevalece não tanto a natureza do sémen quanto a do leite e do alimento, e o livro de Galeno que tem por título* Quod animi mores corporis temperaturam sequantur *apregoa-o de modo muito claro*[12].

[11] *De lib. educ*. 5. Seguimos a tradução de PINHEIRO (2008) 38.

[12] Neste livro, Galeno defende que as qualidades da alma dependem da constituição (*temperatura*) do corpo e, consequentemente, da alimentação. Cf. *Quod animi mores corporis temperaturam sequantur* 10 (KÜHN 4.813).

Além disso, o leite tem uma influência direta sobre a saúde da criança; do mesmo modo que trata, pode transmitir doenças. Explica Rodrigo de Castro:

> *Puero aegrotante nutricem purgamus, sicque sanitatem consequitur infans, itaque ut una et eadem est salus, sic idem corpus, et humores iidem subindeque propensiones eaedem. Vnde merito hae ipsae propensiones hispanice humores appellantur, ob maximam quam cum illis habent cognationem.*
>
> *Quando a criança está doente, purgamos a ama de leite, e, desse modo, o petiz recupera a saúde. Por conseguinte, como a saúde é uma só e a mesma, assim, o corpo é o mesmo e os humores são os mesmos, e, sucessivamente, as propensões são as mesmas, donde resulta estas mesmas propensões serem chamadas, com propriedade, em língua hispânica, 'humores', pela muito estreita relação que mantêm com eles.*

Com o quarto e último argumento, Rodrigo de Castro apela, num tom crescentemente moralista, ao sentimento do dever das mães. Segundo ele, as que não amamentam os filhos não são mães completas e, por isso, não são merecedoras do seu afeto:

> *Quarto satius multo erit, si maternam pietatem exercentes mulieres, et sui officii memores, filios alant, quos pepererunt, quia quae matres filios non nutriunt, integras non esse, sed semimatres, nec materno officio liberos demereri dicebat Marcus Aurelius Romanus Imperator apud Gellium.*
>
> *Em quarto lugar, será muito melhor se as mulheres, cultivando o amor materno e recordadas do seu dever, alimentarem os filhos que deram à luz, porque as mães que não amamentam os filhos, dizia o imperador romano Marco Aurélio, apoiado em Gélio*[13]*, não são completas, antes mães pela metade, e não merecem, pelo dever materno, o amor dos filhos.*

Na sequência deste raciocínio, acrescenta que o comportamento moralmente reprovável de as mães entregarem os filhos ao cuidado de amas é comparável ao adultério, influenciando de forma nefasta o estatuto social dos filhos:

> *Merito qui ita nutriuntur, semispurios dicendos esse quidam aestimarunt, et matres semiadulteras; si enim mater sanguine foetum nutriuit per nouem menses, certe nutrix per biennium lacte, quod idem sanguinem dealbatum esse iam superius tradidimus hanc esse dixerunt differentiam, quod in uere dicto adulterio mater filium alterius patris marito supponit, in hoc uero filium alterius matris.*

[13] Cf. GEL. 12.1.5-6.

> *Com razão, certos autores consideraram que aqueles que assim são alimentados deviam ser chamados semiespúrios e as mães semiadúlteras. De facto, se a mãe alimentou o feto com o seu sangue durante nove meses, a ama de leite fê-lo, é certo, durante dois anos, com o leite que é, já o dissemos mais acima, o mesmo que sangue branqueado*[14]*. Afirmaram aqueles que a diferença é que, no adultério propriamente dito, a mãe subordina ao marido o filho de outro pai, ao passo que, neste caso, subordina o filho de outra mãe.*

A comparação entre a entrega dos filhos aos cuidados de uma ama e o adultério remete-nos, uma vez mais, para a diatribe, evocada por Aulo Gélio[15], que Favorino de Arles (séc. II), filósofo celibatário e sem filhos, desenvolveu em prol da amamentação materna. Segundo Gélio, no decurso da visita a um senador cuja mulher tinha acabado de dar à luz, foi dito a Favorino que a criança seria confiada a uma *nutrix*, para poupar a mãe aos incómodos da amamentação. Não obstante a entrega dos filhos a uma ama de leite ser usada pela elite como um sinal de estatuto social[16], a reação do filósofo a este anúncio foi tão violenta que logo comparou as mães que secavam o seu próprio leite às mulheres que provocavam o aborto e as crianças confiadas uma ama a crianças abandonadas pelos pais[17].

O ser humano, prossegue Rodrigo de Castro na linha de Favorino, chega a ser mais cruel do que os animais ferozes, por ser capaz de expor os filhos, de os privar da assistência e do alimento maternos, enfim, de os confiar a mulheres de condição social inferior e de índole moralmente reprovável:

> *O delirationem incredibilem et execrabilem, quod enim potest esse crudelius expositionis genus, quam peperisse et statim abiecisse, aluisse in utero sanguine suo, nescio quid, quod nondum uiderat iam uero perfectum, iam in lucem editum, iam filium factum, tenerum infantem, adhuc rubentem et matris opem implorantem, ea uoce, quae mouere dicitur et feras, reiecisse, ac proprii et consueti lactis alimonia priuare et mulieri conductitiae, rusticae, nec moribus integris, saepe etiam meretriculae, et lue uenerea infectae tradere.*

[14] Cf. livro 4, cap. 9.

[15] GEL. 12.1.1-22.

[16] CENTLIVRES CHALLET (2017) 380. Segundo esta estudiosa, as mulheres da elite apreciariam diferenciar-se desse modo das mais pobres, mas estas últimas, provavelmente por razões financeiras, não fugiam às vicissitudes inerentes ao ofício da amamentação.

[17] Cf. DANSEN (2010) 701.

> *Ó inconcebível e execrável insânia, que tipo de abandono pode, pois, ser mais cruel do que dar à luz e imediatamente enjeitar? Do que alimentar no útero com o seu próprio sangue algo que ainda não viu, e, no entanto, rejeitar o infante de tenra idade, já perfeito, já dado à luz, já filho formado, ainda rubro e a implorar pelos cuidados da mãe com aquele clamor que dizem comover as feras, privando-o de se alimentar do leite apropriado e a que está acostumado e entregando-o a uma mulher contratada, rústica, sem integridade moral, não raras vezes meretriz e infetada com doença venérea*[18]*?*

Estas palavras, que ecoam o relato de Gélio[19], também nos remetem para um passo do *Dialogus de oratoribus* de Tácito[20], que reproduz a nostalgia sentida pelo orador Vipstano Messala de tempos idos gloriosos, em que cada mãe criava os filhos no colo, em vez de os entregar aos cuidados de *nutrices* e *ancillae* de questionável índole moral.

No auge do seu discurso condenatório, o iátrico lusitano lembra, ainda, que a crueldade costuma ser punida pela justiça divina. Terríveis, adverte, são os suplícios a que ficam sujeitas aquelas que recusam o peito aos filhos:

> *Sed tanta haec crudelitas summa Dei prouidentia saepe punitur. Etenim coagulatus eisdem lac in mammillis grauissimos ac diros excitat cruciatus, ita ut saepe cogantur canibus sugendis praebere easdem papillas, quas filiolis denegarunt, neque ibi punitiones consistunt, imo plerumque inflammantur suppuranturque mammillae, et nouaculis praecisae et ignitis cauteriis aut cancro corruptae per frusta decidunt.*
>
> *Mas esta tão grande crueldade frequentemente é punida pela Divina Providência. Com efeito, o leite coagulado nos mamilos provoca-lhes gravíssimos e atrozes sofrimentos, a ponto de quase sempre se verem obrigadas a dar a sugar a cães os mesmos mamilos que negaram aos filhinhos; e os castigos não ficam por aqui, antes pelo contrário: as mamas ficam quase sempre inflamadas e a deitar pus, e além disso, excisadas com navalhas e desfiguradas com ferros em brasa*[21] *ou por doença cancerosa, acabam por cair aos bocados.*

[18] Muito provavelmente, a sífilis.

[19] Cf. GEL. 12.1.6; 17.

[20] TAC. *Dial*. 29.1.

[21] Ferros de cauterizar, entenda-se.

3. Critérios a observar na escolha de uma *nutrix*

A defesa acérrima do aleitamento materno com recurso a tão violentas palavras não impede, todavia, o médico português de admitir que, em circunstâncias excecionais, a mãe recorra à ajuda de uma ama de leite[22]:

> *Hoc tamen permittimus, ut si foemina fuerit tenella, iuuencula aut imbecilla, et pauci lactis, quod respectu infantis in lucem editi non tantum suppeditet alimentum, quantum sanguis in utero matemo, coadiutricem sibi associet, nec propterea filiolum penitus exponat.*
>
> *Contudo, se a mulher for um tanto delicada, jovem ou frágil e tiver pouco leite, o qual, no que concerne à criança dada à luz, pode não fornecer tanto alimento quanto o sangue no útero materno, admitimos que contrate uma ajudante e, assim, não exponha totalmente o filhinho.*

Rodrigo de Castro, à semelhança de Sorano de Éfeso[23], sugere, pois, a contratação de uma ama de leite que auxilie a mãe na criação do filho, contudo, apenas quando tal se justifique, quer dizer, somente no caso de os maridos desejarem preservar as suas delicadas esposas, quer pela sua indolência, fragilidade ou falta de saúde, quer pela má qualidade do seu leite.

A escolha da *nutrix* deve, no entanto, obedecer a exigentes critérios. Atendendo a que através do leite se transmitem ao lactente qualidades de índole física, psicológica e moral, a mulher a contratar deverá reunir determinados atributos físicos, psicológicos e morais. Os primeiros a que Rodrigo de Castro alude, que já haviam sido referidos por outros auores, são, essencialmente, de natureza física:

> *(…) deligenda probata aliqua mulier erit, quae corpore bene temperata sit, ingenuis moribus praedita, quae uigesimum circiter annum aetatis agat ut Galeno placet, Paulo et Aetio aut saltem trigesimum non excedat, quia iam tunc permultis menses ordinem non seruant, lato etiam sic pectore, corpore firmo, colore suaui et uiuido, mediocribus mammis.*

---

[22] Ainda assim, a ama de leite escolhida, deveria, de alguma forma, fazer lembrar a mãe. Mnesiteu de Cízica, apud ORIB. *inc.* 15 (DAR. 3.130), afirmava ser preferível que a própria mãe amamentasse o filho; tal não sendo possível, a ama deveria ser parente da progenitora, ou, então, uma mulher fisicamente parecida com ela. Cf. SOR. 2.7; AVICENA, *Can*. lib. 1, fen 3, doct. 1, cap. 2 (p. 165). Sobre o aleitamento materno e o recurso habitual a amas de leite, leiam-se os interessantes estudos de BRADLEY, K. R. (1986); CENTLIVRES CHALLET (2017); DANSEN (2010); PINHEIRO (2016).

[23] 2.7.

> *(…) deverá ser escolhida uma mulher experiente, que seja fisicamente bem constituída, dotada de um carácter honesto, com cerca de vinte anos, como defendem Galeno, Paulo [Egineta] e Aécio, ou que não ultrapasse os trinta, porque, nessa altura, para muitas, os períodos menstruais já não se mantêm regulares; também deve ter o peito largo, corpo robusto, cor agradável e sadia, mamas de volume médio.*[24]

Parcial ou integralmente, estas características físicas já tinham sido indicadas por outros autores, gregos, latinos e árabes, além dos que aqui são evocados. Boa compleição física, idade entre os vinte e os trinta anos, peito largo, robustez, tom de pele aprazível e saudável e seios de grandeza média, eis os atributos defendidos por Mnesiteu[25] (séc. IV a.C.), Sorano de Éfeso[26] (sécs. I-II), Oribásio de Pérgamo[27] (séc. IV) e Avicena[28] (sécs. X-XI), aquando da contratação de uma ama de leite.

Igualmente importantes, na opinião do médico português, são a conduta e as competências da *nutrix* enquanto primeira cuidadora e educadora do lactente:

> *Hilaris praeterea sit, casta, sobria, alumno assidue arridens et cantillans, diligens circa pueri mundiciem, articulate etiam loquatur, quia hanc praecipue habet puer loquendi magistram.*
>
> *Além disso, deve ser alegre, casta, sóbria, sorrir e cantarolar com frequência para a criança que amamenta*[29]*, ser cuidadosa com a higiene do petiz*[30]*; deve, também,*

[24] Galeno defende que a alimentação, o descanso, a atividade sexual e o exercício físico são fatores que condicionam a qualidade do leite, tal como a do sangue, da *nutrix*. Cf. *De sanitate tuenda* 1.9 (KÜHN 6.45). As características físicas apontadas pelo médico português são praticamente as mesmas que Aécio de Amida (séc. VI) já havia apontado, em *Tetrab.* lib. 1. serm. 4, cap. 4, *De nutricis electione* (p. 197). PAULO EGINETA (séc. VII), em *Med.* lib. 1, cap. 2, *De nutrice* (p. 1), apresenta um retrato muito semelhante.

[25] Apud ORIB. *inc.* 15 (DAR. 3.130).

[26] 2.8.

[27] *inc.* 13 (DAR. 3.120-121).

[28] *Can.* lib. 1, fen 3, doct. 1, cap. 2 (165).

[29] AVICENA (ibid.) defende que a ama deve cantarolar enquanto amamenta e adormece ao colo a criança. PAULO EGINETA, em *Med.* lib. 1, cap. 2 (1), defende que a ama deve embalar nos seus braços a criança.

[30] AÉCIO, no livro 4, cap. 4, *De nutricis electione* (197) refere que Galeno já havia defendido que a falta de cuidados de higiene estava muitas vezes na origem do desconforto e, consequentemente, do choro da criança.

> *articular corretamente as palavras, porque a criança tê-la-á por principal mestra na arte de bem falar.*

Também aqui encontramos semelhanças com outros autores. Avicena, por exemplo, acreditava que a tristeza poderia ser transmitida à criança através do leite[31], pelo que a ama deveria ser alegre; Mnesiteu[32], Sorano[33], Oribásio[34] e Paulo Egineta[35], para bem da qualidade do leite, recomendavam a abstinência sexual. Sobre a necessidade de se manter sóbria, acreditavam Sorano[36], Oribásio[37] e Aécio[38] que o consumo imoderado de vinho era prejudicial quer para a *nutrix*, porque corrompia o corpo e o espírito, quer para a criança, que bebia o leite adulterado. O médico de Éfeso chegou mesmo a advertir para o facto de a embriaguez poder conduzir a ama a um sono profundo, que a impediria de prestar os devidos cuidados ao recém-nascido e, em última instância, que a poderia levar a sufocá-lo, com o peso morto do seu corpo, no leito em que ambos dormiam.

Quanto à alusão feita por Rodrigo de Castro à competência linguística da ama, ela remete-nos para o pedagogo Quintiliano, preconizador da correção linguística das *nutrices*, em virtude de serem as palavras por estas proferidas as primeiras a serem reproduzidas pelas crianças à sua guarda[39]. Nesta questão, Sorano foi mais longe, a ponto de considerar importante que a ama fosse grega, para que a criança se familiarizasse desde cedo com "a mais bela de todas as línguas"[40].

Regressando ao nosso autor, uma boa ama, argumenta, é a que zela pela sua própria higiene e saúde:

---

[31] Cf. *Can.* lib. 1, fen 3, doct. 1, cap. 2 (165).
[32] *Apud* ORIB. *inc.* 15 (DAR. 3.130).
[33] 2.8.
[34] *inc.* 13 e 14 (DAR. 3.125 e 129).
[35] Lib. 1, cap. 2 (1).
[36] 2.8.
[37] *inc.* 13 (DAR. 3.123).
[38] *Tetrab.* lib. 1. serm. 4, cap. 4 (197). Cf. ARIST. *HA.* 7.12.
[39] *Inst.* 1.1.3-4.
[40] 2.8.

Eius caput inspiciatur, ne tinea, aut achoribus affecta sit, nec rubiginosis aut cariosis dentibus, nec oris foetore, arthritico, elephanticoque morbo, neue uenerea lue, qua plerumque inficiuntur, nullo denique sit affecta morbo.

A sua cabeça deve ser examinada, para que não apresente tinha ou crostas no couro cabeludo, e não deve ter dentes com tártaro ou cariados, nem mau hálito, gota ou lepra, nem a doença venérea com que quase sempre são infetadas, em suma, nenhuma doença.

A saúde e o asseio foram, desde cedo, condições essenciais a observar na contratação de uma *nutrix*. De facto, séculos antes, Mnesiteu[41] havia estabelecido que as doenças a evitar eram, sobretudo, a epilepsia, os ataques de histeria ou os que ocorriam sob a influência do vinho, assim como os desarranjos intestinais; na opinião de Sorano, um corpo doente era sinónimo de mau leite[42]; na mesma linha de pensamento, Oribásio[43] e Avicena[44] aconselhavam a escolha de uma pessoa absolutamente saudável. Já Aécio recomendava a escolha de uma mulher asseada (*munda*)[45].

Além da robustez física e da higiene, determinante na seleção de uma ama era o seu carácter. Rodrigo de Castro, tal como Sorano[46], Oribásio[47], Aécio[48] e Avicena[49], que defendiam a escolha de uma mulher de carácter brando e suave, aponta a calma e a paciência como traços de carácter a ter em conta:

Nec etiam facile irascatur, nam hoc feruidam et biliosam naturam arguit.

E também não se deve irritar facilmente, já que isso é indício de uma natureza impetuosa e biliosa.

A qualidade do leite da *nutrix*, entende o nosso médico, depende do seu passado obstétrico, quer dizer, do número de vezes que deu à luz. Rodrigo de Castro explica, por isso, as razões pelas quais é importante que a ama

[41] Apud ORIB. *inc.* 15 (DAR. 3.130).
[42] 2.8.
[43] *inc.* 13 (DAR. 3.120).
[44] *Can.* lib. 1, fen, 3 doct. 1, cap. 2 (165).
[45] *Tetrab.* lib. 1, serm. 4, cap. 4 (197).
[46] 2.8.
[47] *inc.* 13 (DAR. 3.122).
[48] *Tetrab.* lib. 1, serm. 4, cap. 4 (197).
[49] *Can.* lib. 1, fen 3, doct. 1, cap. 2 (165).

a contratar tenha sido mãe pelo menos duas vezes, que o último parto tenha ocorrido há pouco tempo e, de preferência, que tenha vindo à luz um menino:

> *Non sit primipara, quia lac nondum satis purgatum habet. Ideo saltem bis peperisse; oportet, quippe quae mammae olim plenae fuerunt et impleri consueuerunt, uenas arteriasque habent crassiores et capaciores. Enixa autem sit duorum tantum mensium, et non ultra decimum a partu, constituta; quae insuper legitimo tempore masculum pepererit, quia hae ut plurimum melius coloratae sunt, sanguinemque habent laudabiliorem.*
>
> *Não deve ser primípara, porque ainda não tem o leite suficientemente depurado. Importa, por isso, que tenha dado à luz pelo menos duas vezes, pois as mamas que em tempos estiveram plenas e se encheram uma e outra vez têm veias e artérias mais espessas e de maior capacidade. Todavia, é conveniente que tenha dado à luz há apenas dois meses e que não seja escolhida para lá dos dez após o parto; além disso, convém que tenha dado à luz em tempo normal um filho do sexo masculino, já que estas [mulheres], geralmente, têm melhor cor do que as outras e têm um sangue de melhor qualidade.*

Segundo Sorano[50], as primíparas eram demasiado inexperientes nos cuidados a prestar ao lactente e, ao mesmo tempo, os seus seios não estavam ainda suficientemente desenvolvidos para amamentar. Por isso, do ponto de vista deste e de outros médicos, como Aécio[51], eram preferíveis as mulheres que já tivessem sido mães por duas ou três vezes; não mais do que isso, porém, para que o leite produzido não fosse demasiado fraco ou aguado. Por outro lado, era aconselhada a escolha de uma mulher que tivesse dado à luz há pouco tempo; de acordo com Mnesiteu[52], o leite devia ter quarenta dias após o parto; Sorano[53] defendia o intervalo de dois ou três meses; Paulo Egineta[54], que nesta questão é mais vago, considerava que o parto não deveria ter ocorrido muito tempo antes e que tivesse dado origem a uma criança de sexo masculino.

Na extensa lista de características físicas e psicológicas a observar, o médico português inclui, ainda, o olhar. A ama não deve ter qualquer de-

[50] 2.8. Cf. ORIB. *inc.* 15 (DAR. 3.130).
[51] *Tetrab.* lib. 1, serm. 4, cap. 4 (197).
[52] Apud ORIB. *inc.* 15(DAR. 3.130).
[53] 2.8.
[54] *Med.* lib. 1, cap. 2 (1).

feito físico associado à visão, porque, a verificar-se, influenciaria o desenvolvimento normal da criança amamentada:

> *Lusca non sit, quia non nisi transuersim intuetur puerum, qui propterea eamdem inspiciendi consuetudinem plerumque contrahit.*
>
> *Não deve ter apenas um olho, porque enxerga apenas de esguelha a criança, que, por causa disso, quase sempre adquire a mesma maneira de olhar.*

Os hábitos e comportamentos da ama terão de ser submetidos a um apertado escrutínio. A sua conduta sexual pode ter consequências sobre a produção de leite, na medida em que a prática de relações sexuais altera quer a sua quantidade quer a sua qualidade:

> *Abstineat a concubitu, etenim coitus sanguinem, et lac ipsum conturbat, lactis etiam copiam minuit quia menses ciet. Quae uero menses habent, lac non habent, ut supra enarrauimus, praeterea uirosam quamdam qualitatem coitus lacti conciliat. Adde quod inde non raro grauidae fiunt, quod et alumno, et conceptui nociuum est, neuter enim satis alimenti habere potest, subinde purus sanguis circa uterum subsistit, impurus ad mammas conscendit, ac demum quantum accedit foetui, tantum decedit alumno.*
>
> *Deve abster-se de relações sexuais, porquanto o coito altera o sangue e o próprio leite; também reduz a quantidade deste, porque estimula os ciclos menstruais. Com efeito, as [mulheres] que têm períodos menstruais não têm leite, como explicámos anteriormente*[55]*. Além disso, o coito confere ao leite uma consistência um tanto viscosa. Acrescente-se, ainda, que, não raras vezes, ficam grávidas, o que prejudica não apenas a criança amamentada mas também o feto concebido, pois nenhum dos dois consegue obter alimento suficiente; depois, o sangue de boa qualidade concentra-se em redor do útero, o de má qualidade sobe às mamas e, por último, aquilo que vai para o feto falta, na mesma proporção, à criança de peito.*

Outro fator que poderia afetar a qualidade do leite produzido pela *nutrix* é a sua alimentação. Rodrigo de Castro sintetiza nestas palavras o regime alimentar (*victus ratio*) a observar:

> *Talis itaque nutrix probatis cibariis uescatur, a salsis, acutis et adstringentibus abstineat.*
>
> *E sendo assim, uma ama de leite com estas características deve alimentar-se corretamente, abstendo-se de alimentos salgados, picantes e adstringentes.*

[55] Livro 4, cap. 9.

Autores mais antigos deram a conhecer com maior pormenor o tipo de alimentos que a ama deveria evitar, em benefício de outros mais fáceis de digerir e assimilar e, por conseguinte, mais favoráveis à produção de leite de boa qualidade. Sorano[56], Egineta[57] e Avicena[58], além de prescreverem a prática moderada de exercício físico, para que o leite não fosse muito espesso devido à ociosidade da ama, nem fraco em virtude de uma atividade física demasiado intensa, referem como alimentos a evitar os salgados, os acres, os ácidos, os que aquecem, os dessecativos e os picantes, aduzindo alguns exemplos: aipo, menta, alho, cebola, alho-porro, basílico, favas, lentilhas, nozes, amêndoas, carne de bovino, queijos, entre outros.

A encerrar o capítulo, o médico faz a síntese das principais características que deveriam compor o perfil da ama ideal:

> *Ex quibus iam colliges decem in nutrice consideranda esse: aetatem nimirum, habitum corporis, mammarum et papillarum formam, tempus a partu, ultimi infantis sexum, ut sana sit et non grauida.*
>
> *Depois destas palavras, poderás agora concluir que há dez características a ter em conta na ama: seguramente, a idade, a condição física, o formato das mamas e dos mamilos, o tempo após o parto, o sexo do último filho, que seja saudável e que não esteja grávida.*

4. Do tamanho dos seios e da cor da pele

No capítulo seguinte (cap. 13, 223-226), Rodrigo de Castro centra o seu discurso em duas características físicas da *nutrix*: o tamanho dos seios e a cor da pele.

Sobre o volume dos seios, o médico, depois de advertir para o facto de que a polémica em torno do tema é antiga, expõe a opinião e os argumentos esgrimidos por autores anteriores:

> *De magnitudine mammarum apud maiores nostros uersata fuit controuersia, iam inde a Pauli et Auicennae temporibus, qui eas laudant, quia plus ibi sanguinis generetur: Aetius reprobat, eo quod grandiores mammae suscipiendis cancris sint expositae, qua ratione Moschio et Athamantius scribunt eas, quae habent grandes*

[56] 2.10. Cf. ORIB. *inc.* 13 (DAR. 3.125).

[57] *Med*. lib. 1, cap. 2 (1).

[58] *Can.* lib. 1, fen 3, doct. 1, cap. 2 (165).

> *mammas, uinosas, libidinosasque esse, quia utrumque proficiscitur a calore uteri et pectoris.*
>
> *Existiu entre os nossos antecessores uma grande controvérsia sobre a tamanho das mamas, já desde os tempos de Paulo [Egineta][59] e Avicena[60], que as enaltecem [*i.e. *as grandes], em virtude de nelas se gerar maior quantidade de sangue. Aécio[61] desaprova-as, pelo facto de que as mamas maiores são mais suscetíveis ao aparecimento de cancro. Por esta razão, Múscio[62] e Adamâncio[63] escrevem que as [mulheres] que têm mamas grandes são dadas ao vinho e libidinosas, já que ambos [os vícios] têm origem no calor do útero e do peito.*

Acrescenta que, mais recentemente, a questão foi tratada por Girolamo MERCURIALE (c. 1530-1606), que procurou harmonizar as opiniões divergentes dos colegas mais antigos:

> *Mercurialis conciliare nititur hos autores, atque ita Aetii locum intelligit de magnis mammis secundum carnem, quas quidem uituperat, commendat uero eas, quae secundum capacitatem magnae sunt, de quibus Paulum et Auicennam intelligi uult, atque hac interpretatione quasi ex tripode dicta totam dirimi controuersiam arbitratur.*
>
> *Mercuriale procura conciliar estes autores e interpreta deste modo o passo de Aécio sobre as mamas grandes: reprova as que são grandes em carne[64], mas recomenda as que o são em capacidade[65], quer que Paulo [Egineta] e Avicena sejam interpretados como estando a referir-se a estas e entende que, com esta interpretação, exposta como que pelos três, se dirime inteiramente a controvérsia.*[66]

---

[59] *Med. lib.* 1, cap. 2 (1): *Et habeat pectus magnum, et mammas magnas…*

[60] *Can. lib*. 1, fen 3, doct. 1, cap. 2, *De regimine lactationis, et remotionis a lacte* (165).

[61] *Tetrab.* lib. 1, serm. 4, cap. 4 (197).

[62] Suposto autor de um tratado de ginecologia (*Gynaecia*) que se pensa ser do século VI e que é visto como uma espécie de versão abreviada, em Latim, do *Gynaecia* de Sorano. Para uma bibliografia do tratado de Múscio, vide SABBAH, CORSETTI, & FISCHER, (1987) 118-119.

[63] Médico grego do século V, autor de um tratado sobre fisionomia editado por Johann G. FRANZ em *Scriptores Physiognomiae Veteres* em 1780 (311-448). Cf. lib. 2, cap. 13, *De pectore, mammis et praecordiis* (385-387).

[64] Isto é, tecido mamário.

[65] Ou seja, os que encerram maior número de glândulas mamárias.

[66] Cf. *De morbis muliebribus praelectionibus*, lib. 3, cap. 7 (112), *De magnitudine mammarum*.

Ora, Rodrigo de Castro tem uma opinião diferente sobre a questão. À semelhança de Mnesiteu[67], Sorano[68] e Oribásio[69], afirma que os seios devem ser de média dimensão:

> *Sed quoniam quae magnae sunt secundum capacitatem, plus lactis conficiunt, quam conueniat, unde retentum lac putrescit, et molestiam infert, quae autem secundum carnem magnae existunt, sat lactis generare nequeunt, potius mediocres commendandas esse puto; Paulum uero et Auicennam magnas commendasse non quidem secundum carnem, neque secundum capacitatem, sed secundum uenas per easdem diffusas, quae multum faciunt ad lactis bonitate. Nam et cauitas moderata, et debita portio carnis est.*
>
> *Mas porque as [mamas] que são grandes em capacidade produzem mais leite do que convém, donde resulta que o leite retido se estraga e provoca desconforto, e, por outro lado, as que se revelam grandes em carne não têm capacidade para produzir leite suficiente, considero que antes devem ser recomendadas as de tamanho médio e que Paulo [Egineta] e Avicena, na verdade, recomendaram as grandes, não, seguramente, em carne, nem em capacidade, mas em veias por elas espalhadas, que muito contribuem para a boa qualidade do leite. Na realidade, são necessárias capacidade moderada e proporcionalidade no que à carne diz respeito.*

A firmeza e a robustez do peito da *nutrix* são importantes, e a própria ama deve ser dotada de uma assinalável resistência física — já que sem ela não será capaz de levar a cabo as exigentes tarefas decorrentes dos cuidados a prestar à criança — e a sua pele, além de ser bonita, deve transparecer saúde:

> *Sit insuper nutrix densa solidaque carne praedita, uigiliarum et laborum, quae circa alumnum contingunt tolerantissima, non nimis alba, subpallida, aut lentiginosa, sed pulchra et candida, rubore perfuso, qualem Auicenna citato eligit.*
>
> *Além do mais, a ama de leite deve ter a carne anteriormente referida consistente e robusta, aguentar sem dificuldade as noites em claro e as tarefas relacionadas com a criança lactente, não deve ter a pele excessivamente branca, pálida ou coberta de sardas, mas bonita e sem manchas, profusamente corada, como prefere Avicena no passo citado.*

Do mesmo autor, leia-se, também, *De morbis puerorum*, lib. 1, cap. 3, *De macie* (*maxime* 22).

[67] *inc.* 15 (DAR. 3.130).

[68] 2.8.

[69] *inc.* 13 (DAR. 3.121).

Se é verdade que alguns autores, como Avicena, defendiam que a pele não deveria ser excessivamente branca ou pálida, por ser sinal de debilidade física, outros havia que preferiam amas de tez morena. A questão da cor da pele aqui introduzida por Rodrigo de Castro era polémica e a apresentação dos argumentos a favor e contra a escolha de *nutrices* morenas faz prova disso mesmo. Contudo, para melhor percebermos a origem desta discussão, teremos de ler o texto do médico português à luz da época em que viveu.

Até ao final do século XIX, as mulheres da elite não tinham por hábito dar o próprio peito aos filhos. Era prática comum entre as famílias mais abastadas o recurso aos serviços de escravas de origem africana para que estas, entre outras tarefas a desempenhar, amamentassem os filhos brancos dos proprietários[70]. Os donos das "escravas paridas", não raras vezes, abandonavam nas 'casas dos expostos' os filhos delas, para, depois, venderem os seus serviços como amas de leite. Impedidas de amamentarem os seus próprios recém-nascidos, aquelas passavam a estar disponíveis para amamentarem os filhos dos patrões[71].

Não admira, pois, que fossem muitos os apologistas da contratação de mulheres de tez morena. Era conhecida a predileção especial dos Hispanos por mulatas e negras. Adeptos desta ideia eram o médico italiano Luigi Bonacciuoli[72] e o teólogo protestante e reformador alemão David Wängler[73]. Afirma Rodrigo de Castro que consideravam as mulheres morenas capazes de produzir leite de qualidade superior:

---

[70] Também na sociedade romana do final da República e do Alto-Império (220 a.C.-200 d.C.) era prática corrente, sobretudo entre a elite, que as crianças fossem amamentadas por uma mulher que não a mãe. As *nutrices*, na sua grande maioria escravas ou libertas, podiam até amamentar os filhos de outras escravas, para que estas pudessem realizar outras tarefas. Cf. BRADLEY (1986) 207 sqq.; DANSEN (2010) 699; PINHEIRO (2016) 377.

[71] A dura realidade destas mulheres encontra-se retratada no interessante artigo de GRILLO (2008).

[72] LUIGI BONACCIUOLI (1475-1536), médico, editor e humanista italiano, que se tornou particularmente conhecido por ter sido o ginecologista de Lucrezia Borgia e pelos seus estudos de obstetrícia. Estudou a anatomia do aparelho reprodutor feminino, a fecundação e a formação do embrião e do feto no tratado de obstetrícia e ginecologia *Enneas muliebris* (Ferrara, 1502-1503).

[73] Ou DAVID PAREUS (1548-1622).

> *Sed iam uideo sophistarum potius quam Aristotelicorum turbam hic obstrepere, fuscas potius eligendas esse, qua ratione ducti, seu potius seducti Hispani hybridas eligunt, quas mulatas uocant, ex parente Hispano et matre Ethiopissa ortas, colore Numidico, saepe etiam ipsas Aethiopissas atro colore: quaenam autem est eorum tam firma constansque ratio? quia, inquiunt Pareus et Bonacciolus, quemadmodum terra fusca fertilior est alba, sic fusca mulier lacte est pinguiori, alimentum facilius concoquit et excrementa digerit perfectius.*
>
> *Mas vejo já uma turba de sofistas, mais do que de aristotélicos, a vociferar, neste momento, que devem ser escolhidas, de preferência, as [amas] de pele escura. Levados, ou melhor, seduzidos por esta ideia, os Hispanos elegem as mestiças, às quais chamam 'mulatas', nascidas de pai Hispano e mãe negra*[74]*, com um tom de pele numídico*[75]*, e, não raras vezes, as próprias negras, de cor escura. Que argumento tão sólido e consistente é, pois, o deles? Porque, afirmam Pareus e Bonacciuoli, do mesmo modo que a terra escura é mais fértil do que a branca, também a mulher de pele morena tem um leite mais nutritivo, digere mais facilmente o alimento e processa melhor as excreções.*

Acreditava-se, portanto, que a mãe natureza favorecera as mulatas e as negras na produção do leite materno. Além deste argumento, havia ainda outro. Evocando autores antigos e medievais, explica Rodrigo de Castro que as mulheres de pele morena, por resultarem de maior mistura e elaboração, eram, por aqueles, consideradas mais quentes, mais vigorosas e, portanto, mais atraentes, do mesmo modo que a carne dos animais de cor negra era perspetivada como mais saudável e apetecível:

> *Addunt, quia, quae nigra sunt, calidiora et ualidiora existunt, ac eorum carnes iucundiores, quia magis mixtae et elaboratae, Aëtio autore, ideo Auicenna carnem nigri animalis incolumiorem et suauiore esse prodidisse, nigredinem uero signum esse caliditatis, et roboris, ut cum Hippocrate dicebat Galenus, idcirco in praxi lac caprae nigrae commendari receptum esse, ideoque Aristotelem lac liuidum praetulisse.*
>
> *Porque, acrescentam, as que são negras se revelam mais quentes e mais vigorosas e as suas carnes mais aprazíveis, porque são mais misturadas e elaboradas, segundo Aécio*[76]*; que, por isso, Avicena defendeu que a carne de um animal preto é mais sadia*

[74] O termo *Aethiopissa*, que, à letra, significa 'da Etiópia; Etíope', também pode ser traduzido por 'negra'. A *Aethiopia*, era a zona mais central de África, a sul do rio Níger, cujos habitantes tinham pele de cor negra.

[75] A Numídia corresponderia à atual Argélia e, em menor proporção, à Tunísia ocidental. O tom de pele dos habitantes da Numídia não era tão escuro quanto o dos habitantes da zona central de África, a *Aethiopia*.

[76] Cf. *Tetrab.* lib. 1, serm. 2, cap. 88 (92).

> *e mais aprazível*[77]*, que a cor negra é, de facto, um indício de calor e de robustez, tal como defendia Galeno juntamente com Hipócrates*[78]*; que, por estas razões, se convencionou, na prática, que fosse recomendado o leite de cabra negra*[79] *e que, por causa disso, Aristóteles preferiu o leite de cor lívida.*

De facto, Aristóteles havia escrito na *História dos Animais* que, nas mulheres, o leite de cor lívida (isto é, acinzentado) era melhor para os lactentes do que o branco, e que o leite das de pele morena era mais saudável do que o das de pele clara[80]. Deduz-se, por conseguinte, que as morenas produziam um leite de cor acinzentada, considerado, como vimos, o melhor leite. É, assim, com base neste raciocínio que tamém se explica a preferência por amas de pele mais escura.

Rodrigo de Castro, porém, empenhado em desconstruir os argumentos apresentados, propõe uma nova interpretação do passo de Aristóteles. Por um lado, quando aludiu, na *História dos Animais*, ao melhor leite, Aristóteles não se referia, efetivamente, ao leite de cor lívida, mas ao leite muito branco que, apesar dessa brancura, aparenta uma certa lividez; por consequência, o melhor era, afinal, o leite branco. Por outro lado, o próprio Aristóteles, noutro passo, havia afirmado que os animais brancos são mais quentes e agradáveis, o que, assevera Rodrigo de Castro, é inteiramente verdade, se aplicarmos a afirmação aristotélica ao ser humano, em vez de a aplicarmos aos animais irracionais. Neste sentido, declara o nosso médico:

> *Aristotelis uero sententia de lacte brutorum intelligatur, aut certe non de liuido positiue, sed de candidissimo lacte, intelligenda est, quod ut plurimum liuiditatem quamdam prae se fert, qua ratione Anglii et Belgae amylo, quo dealbare et indurare solent collaria, tantillum liuidi coloris commiscent, quo magis candor eleuetur; testatur uastissima maris planicies et conuexa aeris superficies, quae in magna serenitate, quo tempore albissima sunt, caerulea apparent. Quin etiam ut eumdem per se ipsum Aristotelem explicemus, ipse ea quae sunt alba, calidiora, et suauiora esse prodidit, quod si ad hominem, non ad bruta animalia aptaueris, ueritatem obtinebit.*

---

[77] Cf. *Can.* lib. 2, tract. 2, cap. 145 (295), *De carne*.

[78] Cf. *Epid.* 6.2.48 (Kühn 17a, 1002).

[79] Durante muito tempo, o leite de cabra foi visto como um bom substituto do leite materno, sobretudo para os prematuros, por não ser muito espesso. Cf. GAL., *De alim. facult.* 3.15, *De lacte*.

[80] *HA* 523 a.

> *Na verdade, a opinião de Aristóteles sobre o leite dos animais irracionais não deve ser arbitrariamente interpretada como referindo-se ao leite de cor lívida, mas ao leite muito branco, que quase sempre apresenta uma certa lividez. Por isso é que os Ingleses e os Belgas juntam uma pequena quantidade de [leite] de cor lívida ao amido com que costumam branquear e endurecer as golas, no intuito de aumentar a sua brancura. A vastíssima planura do mar e a abóbada celeste fazem prova disso mesmo; durante a calmaria, período em que se apresentam limpidíssimas, aparentam ser cerúleas. Além do mais, para explicarmos Aristóteles através das suas próprias palavras, ele mesmo escreveu que os [animais] brancos são mais quentes e aprazíveis*[81]*, o que corresponderá à verdade, se se aplicar ao ser humano, não aos animais irracionais.*

Depois de impor, desta forma, os seus próprios argumentos, Rodrigo de Castro encerra a questão da cor da tez, apontando o dedo, uma vez mais, às mães que confiam os seus rebentos a mulheres de pele escura, as quais, em virtude da sua excessivamente quente natureza, de pronto se entregam ao vício. De louvar, somente a musicalidade da sua voz:

> *Videant igitur quam foede ludificentur eae, quae filiolos suos tradunt Aethiopissis et hybridis illis, quae praeter hoc, quod calore sunt impensissimo, moribus ut plurimum corruptissimis inquinantur, hoc solum nomine laudatae, quod suauissime modulentur.*
>
> *Vejam, pois, quão hediondamente se iludem aquelas que entregam os seus filhinhos a negras e a mestiças que, além de serem de um calor excessivo, quase sempre se deixam corromper por maus costumes, elogiadas apenas porque cantam docemente.*

Com esta referência ao tom de voz meigo das amas escravas que, cantando, embalavam os filhos dos seus senhores, Rodrigo de Castro encerra o retrato por si traçado da ama ideal.

Considerações finais

Aqui chegados, é tempo de concluir. Os dois capítulos estudados dão conta da posição do autor sobre o aleitamento materno e, em particular, sobre o recurso a amas de leite e as características a ter em conta aquando da sua contratação. Da análise dos excertos apresentados, percebe-se que o médico lusitano elegeu um tópico que já tinha sido desenvolvido na Antiguidade e que foi sendo sucessivamente recuperado por enciclopedistas bizantinos, médicos medievais e autores renascentistas de tratados médicos sobre a natu-

[81] *GA* 5.7.

reza e as doenças das mulheres[82]. Empenhado em participar na discussão de tão controverso assunto, o médico vai reproduzindo as opiniões que vinham sendo esgrimidas por autores anteriores: que o leite materno era, indubitavelmente, o melhor alimento para o recém-nascido e que a eventual contratação de uma ama de leite deveria obedecer a rigorosos critérios de seleção. O retrato da *nutrix* traçado por Rodrigo de Castro é, pois, um retrato idealizado e convencional, herdado da tradição.

Contudo, ainda que em muitos aspetos siga a linha de pensamento de autoridades que vai citando, o médico português não se limita a parafrasear o pensamento alheio. Reconhecendo a influência da ama de leite no desenvolvimento físico, psicológico e social do lactente, sem, no entanto, deixar de insistir, com muita convicção, na importância de ser a mãe biológica a amamentar o filho, Rodrigo de Castro evidencia-se na questão de dar preferência às *nutrices* de tez branca, em detrimento das mestiças e das negras.

No intuito firme de legitimar o seu próprio pensamento, ao mesmo tempo que remete o público (leigos, estudantes de medicina ou colegas de profissão) para a leitura de autores, anteriores e coevos, que conhece bem — permitindo àquele, dessa forma, conhecer o tema, e até aprofundá-lo, por conta própria —, o iátrico vai escolhendo, entre todos os argumentos expostos, os que mais lhe convêm. É graças a esta indiscutível capacidade de tratamento das suas fontes que alcança a resposta, a sua resposta, à questão com que abriu, no capítulo 12, a sua reflexão: *qualis sit nutrix eligenda*?

Bibliografia

BRADLEY, K. R. (1986), "Wet-nursing at Rome: a study in Social Relations": B. RAWSON (ed.), *The Family in Ancient Rome: new perspectives.* London, Croom Helm, 201-229.

CENTLIVRES CHALLET, C.-E. (2017), "Roman Breastfeeding: Control and Affect": *Arethusa* 50(3), 369-384.

DANSEN, V. (2010), "Des nourrices grecques à Rome?": *Paedagogica Historica: International Journal of the History of Education* 46(6), 699-713.

[82]Cf. PINHEIRO (2016) 377.

FRENCH, V. (1985), "Midwives and Maternity Care in the Roman World": M. SKINNER (ed.), *Rescuing Creusa: New Methodological Approaches to Women in Antiquity*. Lubbock-Texas, Texas University Press, 69-84.

GRILLO, M. A. F. (2008), "Memórias da Escravidão: as mulheres e o comércio humano nos jornais pernambucanos de 1850 a 1888": C. SARMENTO (coord.), *Condição feminina no Império Colonial Português*. Porto, Edições Politema, 51-67.

PINHEIRO, C. S. (2016), "*Dulcissimum (…) Molissimum et (…) Vtilissimum* (Plin. *Nat.* 28.72): J. Pinheiro & C. Soares (coords.), *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar*. Coimbra/S. Paulo, Imprensa da Universidade de Coimbra/Annablume.

SABBAH, G., CORSETTI, P. & FISCHER, K. (eds.) (1987), *Bibliograhie des textes médicaux latins: Antiquité et haute moyen âge*. Saint-Étienne, Publications de l'Université, 118-119.

Edições e traduções

AÉCIO DE AMIDA (1549), *Aetii medici graeci contractae ex ueteribus medicinae tetrabiblos, hoc est, quaternio, siue libri uniuersales quatuor,..., per Ianum Cornarium medicum physicum Latine conscripti....* Lião, Godefroy et Marcellin Beringen.

ARISTÓTELES (2006), *Aristóteles. História dos Animais* I (trad. de M. F. Sousa e SILVA). Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda.

ARISTOTELES (2013), *Aristote. De la Génération des animaux* (texte établi et traduit et par Pierre LOUIS). Paris, Les Belles Lettres.

AVICENA (1595), *Auicennae arabum medicorum principis. Ex Gerardi Cremonensis uersione, et Andreae Alpagi Bellunensis castigatione....* Veneza, Lucantonio Giunta.

BUSSEMAKER U. C. & DAREMBERG, C. (eds.) (1858), *Ouvres d'Oribase* (t. 3). Paris, L'Imprimerie Impérial.

CASTRO, R. de (1617) *Roderici a Castro, Philosophiae ac Medicinae Doctoris, per Europam notissimi, De uniuersa muliebrium morborum medicina nouo et antehac a nemine tentato ordine opus absoltissimum; et studiosus omnibus utile, medicis uero pernecessarium (Pars prima Theorica).* Hamburgo, Johann Froben.

EGINETA, P. (1556), *Pauli Aeginetae totius rei medicae libri VII. ad profectionem parati, et brevi summa omnem artem complectens. Per Janum Cornarium medicum Physicum Latina lingua conscripti.* Basileia, Johann Herwagen.

FRANZ, J. G. (1780), *Scriptores Physiognomiae Veteres*. Altemburgo, Gottlob Emanuel Richter.

KÜHN, C. G. (ed.) (1821-1833), *Claudii Galeni Opera Omnia* (vols. 1-20). Leipzig, Carl Cnobloch.

MERCURIALE, G. (1591), *Hieronymi Mercurialis De morbis muliebribus praelectiones*. Veneza, Lucantonio Giunta.

MERCURIALE, G. (1583), *De morbis puerorum tractatus locupletissimi, variaque doctrina referti ....* Veneza, Paolo Meietti.

PLÍNIO-O-VELHO (1962), *Pline l'Ancien. Histoire Naturelle* (introduction, traduction et commentaire par A. ERNOUT). Paris, Les Belles Lettres.

PLUTARCO (2008), *Plutarco. Obras morais. Sobre a educação das crianças.* (trad. de J. PINHEIRO). Coimbra, Classica Digitalia/CECH.

SORANO DE ÉFESO (2003), *Soranos d'Éphèse. Maladies des Femmes II* (texte établi, traduit et commenté par P. BURGUERE, D. GOUREVITCH & Y. MALINAS). Paris, Les Belles Lettres.

* * * * * * * * *

Resumo: Não obstante a sua prática ter sido posta em causa até ao final do século XIX, a discussão das implicações fisiológicas, morais e sociais do aleitamento materno atravessou a Antiguidade, a Idade Média e o Renascimento, tendo-se convertido num tópico recorrente nos tratados sobre a natureza, as condições e as doenças das mulheres. Com este trabalho, analisaremos a influência de autores quer antigos quer coevos de Rodrigo de Castro (c. 1546-1627/29?) no tratado *De universa mulierum medicina*, identificando os elementos de tão longa tradição incorporados pelo médico português na sua obra.

Palavras-chave: Rodrigo de Castro; aleitamento materno; ama de leite; *nutrix*.

Resumen: A pesar de que su práctica fue cuestionada hasta finales del siglo XIX, la discusión sobre las implicaciones fisiológicas, morales y sociales de la lactancia materna recorrió la Antigüedad, la Edad Media y el Renacimiento, convirtiéndose en un tópico abordado de forma recurrente en los tratados sobre la naturaleza, las condiciones y las enfermedades de las mujeres. Con este trabajo vamos a analizar la influencia de autores antiguos y coetáneos de Rodrigo de Castro (c. 1546-1627/29?) en el tratado *De universa mulierum medicina*, identificando los elementos de tan extensa tradición que el médico portugués integra en su obra.

Palabras clave: Rodrigo de Castro; lactancia materna; ama de cría; *nutrix*.

Résumé : Bien que la pratique de l'allaitement maternel ait été mise en cause jusqu'à la fin du XIX[e] siècle, la discussion sur ses implications physiologiques, morales et sociales traversa l'Antiquité, le Moyen Âge et la Renaissance et est devenue un topique récurrent des traités sur la nature, les conditions et les maladies des femmes. Dans ce travail, nous analyserons l'influence d'auteurs Anciens et de l'époque de Rodrigo de Castro (c. 1546-1627/29?) dans le traité *De universa mulierum medicina*, en identifiant les éléments de si longue tradition qui y ont été incorporés par le médecin portugais.

Mots-clés : Rodrigo de Castro ; allaitement maternel ; nourrice ; *nutrix*.